

HAWTHORNE E SEUS MUSGOS, POR HERMAN MELVILLEDaniel ROSSI¹

Hawthorne e seus musgos (MELVILLE, 2009) foi publicado anonimamente em 1850 como uma avaliação crítica da coletânea de contos *Os musgos do velho presbitério*, de autoria de Nathaniel Hawthorne. Herman Melville não apenas faz uma resenha crítica da obra como, também, oferece uma avaliação de conjunto da literatura americana em sua época, apontando novos caminhos para o estabelecimento de uma literatura nacional finalmente desligada do domínio inglês. Nesta resenha, focaremos principalmente neste aspecto do livro de Melville, mostrando suas ideias e rumos para o que seria uma literatura, verdadeiramente, americana.

Herman Melville não assina esta “resenha” do livro de Hawthorne: já dramatizando suas conclusões sobre a literatura americana, Melville assina apenas como “um virginiano passando o mês de julho em Vermont” (MELVILLE, 2009, p. 31). Sua opção de não revelar a autoria tem algumas razões que são reveladas ao longo do texto:

Quem dera todos os livros fossem crianças abandonadas, sem pai nem mãe; fossem assim, e poderíamos prestar-lhes homenagem sem mencionar seus pretensos autores. Nenhum homem de verdade recusaria isso –; e muito menos aquele que escreve [...]. Mais do que isso, não sei qual seria o nome correto para por na página de rosto de um excelente livro, mas tenho a impressão de que os nomes de todos os bons autores [...]. (MELVILLE, 2009, p. 31-32).

Se a liberdade é conseguida a duras penas contra a soberania inglesa, o que mais resta ao escritor americano que não a luta por uma literatura nacional? Este projeto é também relacionado à democracia não só como forma de governo, mas como forma de relacionamento entre os homens também no campo literário. Longe de uma relação de dominação, mesmo que representada pelos pais, o texto de Melville clama aos autores que abandonem seus nomes, que suas obras sejam como crianças abandonadas: em uma terra de iguais, os autores não podem ter a pretensão de assinar um livro com seu próprio nome; é à obra que se rende homenagens e não àquele que escreveu: como

¹ Bacharel em Ciências Sociais pela UFMS, Mestre em Estudos de Linguagens pela UFMS e Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Faculdade de Ciências e Letras da UNESP - Campus de Araraquara. E-mail: ross.dan@hotmail.com

produto de uma nação democrática, a literatura não seria mais progressista rendendo-se ao culto dos grandes nomes, mesmo que a América naquele tempo, segundo Melville, parecesse necessitar de um grande gênio, um grande homem de letras responsável por carregar o nome de todo um povo.

Essa comunidade de crianças abandonadas, de autores iguais a todos os outros cidadãos, responsáveis por essa literatura liberada da influência do colonizador, só é possível quando o projeto literário encontra o projeto político. Na verdade, em sua fundação, a literatura americana não se separa dos ideais políticos da nação. O americano não carrega apenas a democracia como sua principal contribuição ao mundo, mas também a necessidade de carregar o progressismo republicano e democrático na literatura:

Vocês têm que acreditar que Shakespeare é inalcançável ou então abandonem o país. Mas, que espécie de crença é essa para um americano, um homem que é obrigado a carregar o progressismo republicano na Literatura bem como na Vida? Creiam-me, meus amigos, que Shakespeares estão nascendo neste dia às margens do Ohio. [...] O grande erro parece ser que, mesmo com aqueles americanos que aguardam a vinda de um grande gênio literário entre nós, eles, de algum modo, imaginam que este virá em trajes do tempo da rainha Elizabeth –, que ele será um escritor de dramas fundados sobre a história antiga da Inglaterra ou sobre os contos de Boccaccio. (MELVILLE, 2009, p. 44-45).

Enquanto os termos da relação não mudam, nada pode ser feito por uma literatura, finalmente, americana. Não basta dizer que Shakespeare é inalcançável: a obrigação de um americano, como democrata e portador do progressismo tanto na política quanto na vida, é desfazer esta crença. A literatura americana se funda com a afirmação de um novo início, o momento em que os modelos são recusados em direção a outra concepção do que é a literatura e de suas possibilidades. Primeiro, a recusa a uma autoria nos moldes clássicos; depois, a ideia de que o grande trunfo da literatura americana é, justamente, se desvencilhar sobremaneira da influência inglesa – um corte tão radical entre os dois países que a própria eminência de Shakespeare é colocada em xeque.

Não basta dizer que Melville procura desfazer os laços de influência entre a literatura de seu país e a literatura do colonizador, a Inglaterra: o que está em jogo no texto não passa apenas por uma relação de disputa entre dois países. Trata-se de propor

um projeto literário que seja capaz de romper com a influência estrangeira do colonizador no mesmo movimento em que as próprias bases do que era considerado literatura são reavaliadas. A política se imiscui na literatura, já que o projeto do autor de *Moby Dick* inclui o advento de um novo homem, o americano, além de um novo tipo de relação entre os homens e suas obras: finalmente democrática, os frutos da literatura são compartilhados nessa sociedade de irmãos que abdicam do próprio nome e apresentam suas obras como fruto dessa nação que trata todos seus cidadãos igualmente. Ser a ponta de lança da história é o destino dos Estados Unidos e, também, de sua literatura:

[...] se Shakespeare não tem sido igualado, ele certamente será superado, e superado por um americano nascido agora ou que ainda está por nascer. Pois jamais nos bastará, que na maioria das outras coisas superamos o mundo em feitos assim como em vanglória, jamais nos bastará cruzar os braços e dizer: não além desse ponto não se pode avançar. [...] E tampouco a natureza foi totalmente revirada por nossos antepassados a ponto de não restar encantos e mistérios para essa última geração encontrar. Longe disso. A trilionésima parte ainda não foi dita; [...]. Não é tanto a escassez, mas a superabundância de materiais o que parece incapacitar os autores modernos. (MELVILLE, 2009, p. 46).

Essa distinção e abertura de um novo espaço para literatura são necessárias para uma literatura finalmente liberada de suas raízes coloniais. Não basta fazer **como se** a literatura americana fosse um movimento autóctone: a necessidade é, justamente, de virar os olhos da metrópole em direção à nova terra. O mundo antigo, dos antepassados, possui apenas pálida influência frente a este novo homem que Herman Melville clama. Contra um início, histórico ou mítico, o autor propõe olhar novamente a esta terra nova, os Estados Unidos, que tem tudo a oferecer: a superabundância de materiais em contraposição à escassez dos modelos tradicionais. A ideia de avanço, de um movimento que parte do meio, abdicando de uma origem determinada, é a característica que se sobressai. O autor insiste neste ponto ao tratar a questão do gênio:

Ao passo que grandes gênios são partes de suas épocas; eles mesmo são suas épocas e possuem uma coloração correspondente. [...] Pois, notemos bem, a imitação é frequentemente a primeira acusação lançada contra a verdadeira originalidade. Por que é assim, não há espaço para expor aqui. É preciso um grande espaço marinho para nele enunciar a Verdade; especialmente quando ela parece ter um

aspecto de novidade, como a América em 1492 [...]. (MELVILLE, 2009, p. 45).

A necessidade de uma literatura americana se resume no jogo das épocas: enquanto a Inglaterra é a terra dos antepassados, os Estados Unidos são a novidade que se apresenta: seus escritores, seus homens de gênio, precisam se identificar com esta nova época, esta nova nação e o novo modo de governo: a democracia. Isto implica na criação de novas formas de abordar a literatura, assim como na criação deste novo homem: parafraseando o autor, a originalidade sempre é confundida com a imitação, mas neste novo espaço que são os Estados Unidos, é que a Verdade de uma nova literatura pode ser enunciada.

A influência de Herman Melville é conhecida em grande parte da literatura ocidental, bem como na filosofia (principalmente no caso do filósofo francês Gilles Deleuze). Com este texto, finalmente disponível em português brasileiro, podemos perceber a grandeza deste autor e de suas ideias, que encontraram eco entre seus compatriotas, além de ser um texto fundador da literatura americana. Cabe lembrar que esta edição da obra de Melville vem acrescida de suas cartas para Nathaniel Hawthorne e de uma ótima introdução assinada Luiz Roberto Takayama, também tradutor do texto.

REFERÊNCIA

MELVILLE, Herman. **Hawthorne e seus musgos**. Tradução de Luiz Roberto Takayama. São Paulo: Hedra, 2009.